



O Gaiato

9 DE NOVEMBRO DE 1974
Ano XXXI — N.º 800 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui Lisboa

Afirmámos que a existência das instituições assistenciais particulares se funda no direito natural de associação e além disso, no caso das ditas confessionais, na liberdade religiosa que confere à Igreja em ordem à consecução dos Seus fins, o direito de exercer a Caridade através dos seus mais variadas órgãos. Reconhecendo-se embora ao Estado o direito e o dever de coordenar — na generalidade — toda a actividade assistencial, devem rejeitar-se como arbitrarias todas as disposições ou leis que, entrando no foro da jurisdição espiritual, visem cercear as liberdades da Igreja e dos chamados entes morais eclesiásticos. A conjugação dos esforços ao bem comum pode e deve fazer-se sem atritos, no respeito mútuo e sem atropelos de qualquer espécie, quanto mais não fôsse pela imensidade de problemas a resolver, já existentes ou aflorando em novos e variados campos, à medida que o tempo passa.

Falámos acima do direito da Igreja exercer a Caridade. Ora esta é contestada muitas vezes, até por católicos mal esclarecidos, a quem recomendamos a leitura atenta do Cap. XIII da I

Epístola de S. Paulo aos Coríntios. Ainda há dias, por exemplo, nos foi possível ler, num semanário, em carta lá publicada: «Por Deus, não se diga que o amor é a caridade, pois esta não passa dum disfarce do egoísmo, já que não consiste senão em os privilegiados darem aos infelizes, por esmola, por favor (isto é, inferiorizando-os) uma pequena parte daquilo a que estes têm cristianíssimo direito!» (O sublinhado e o ponto de exclamação são nossos). Em escritos anteriores temos dito que a Caridade não se opõe, antes exige a Justiça. Referimo-nos evidentemente a Virtudes autênticas com letras maiúsculas e não a simulacros sempre condenáveis. S. Paulo, na citação aduzida, chega a afirmar: «Ainda que distribuisse todos os meus bens no sustento dos Pobres e empregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada me aproveita». Na mesma linha já um dia aqui escrevemos que dispensamos bem tudo aquilo que nos queiram dar e seja fruto da injustiça ou da violência exercida sobre os nossos Irmãos. A verdadeira Caridade é aquela que, no dizer do Apóstolo, «nunca há-de acabar» e é motivada e tem por fim o próprio Deus, que é Amor, segundo S. João. Negá-la, será negar o próprio Deus.

Para um cristão os Mandamentos resumem-se num só: amar a Deus e ao Próximo como a si mesmo. Cumprilo é um imperativo e ninguém pode dizer que ama a Deus se não

Continua na QUARTA página

PATRIMONIO DOS POBRES

A evolução das condições de vida que, felizmente, se vinha processando já há vários anos, determinou a viragem do Património do seu objectivo primeiro, que era o Indigente, para o Pobre, necessitado, sim, mas capaz de alguma iniciativa para a resolução do seu problema habitacional. E de que não são capazes estes heróis (e de que consideração se não tornam dignos!) quando assumem a consciência da agudeza desta necessidade e mobilizam todas as suas potencialidades e as dos seus e despertam as de vizinhos e as dos seus companheiros de trabalho — e todos as põem em acto em busca de uma solução eficaz?!

Acaba de sair daqui um homem de 44 anos, trabalhador a jornal, pai de 10 filhos, com oito a seu cargo, o qual, com o auxílio dos dois genros, operários de construção civil, levantou uma casa com-loja e um andar com 5 divisões e a área de 10x8 metros.

Hoje é o dia 25 de Outubro. No dia de Todos-os-Santos terá de entregar a casa onde tem morado. Vinha pela telha, premido pela urgência. São nove e meia da noite. Traz uma légua de caminho. A mesma lhe pesará no regresso. O dia foi de trabalho intenso, como é agora nas colheitas. Amanhã será igual. Ele só conhece semanas de sete dias; nem a inglesa; menos a americana.

O Pároco credenciou-o: «A obra está um pouco atrasada, mas o interessado lhe contará. Pode acreditar, pois trata-se de um homem honesto e sincero.» Lê-se-lhe no rosto. Documenta-o a sua modéstia, o aspecto inequívoco de vida sacrificada. Autoriza-o a sua aflição. Quantas comendas não andam por aí constelando peitos menos honrados, distinguindo cidadãos menos prestáveis à Pátria!...

Desta estirpe são aqueles que o Património, hoje, visa em primeiro lugar. Há que dar-lhes a mão; que servir-lhes sem enredos nem demoras a alavanca com que eles farão prodígios.

Continua na SEGUNDA página

Calvário

Sentinelas perfiladas ao lado da capela, as liquidâmbares, nesta altura do ano, são labaredas de fogo. Elas pintam suas folhas de tons de amarelo, de encarnado vivo, de castanho multicolor. Uma após outra, estas vão tombando na relva macia, nos caminhos de granito que lhe dão acesso.

Orgulhosas, erguendo-se sobre todas as demais árvores, as carvalhas gigantes lançam no solo as pesadas bolotas, maduras mas amargas.

As tílias, essas mais apressadas, tingem as folhas de amarelo garrido e atiram-nas logo fora, salpicando tudo em redor.

As hortênsias, humildes mas graciosas, perdem o matiz das flores, que começam a amarelecer e a secar.

A brisa gelada das noites vai queimando as pontas de tudo quanto é verde por aqui.

Só os pinheiros permanecem com o mesmo tom sombrio, substituindo impavidamente a rama que murcha por outra viçosa.

A vida é agora contínuo definhando neste poiso calmo.

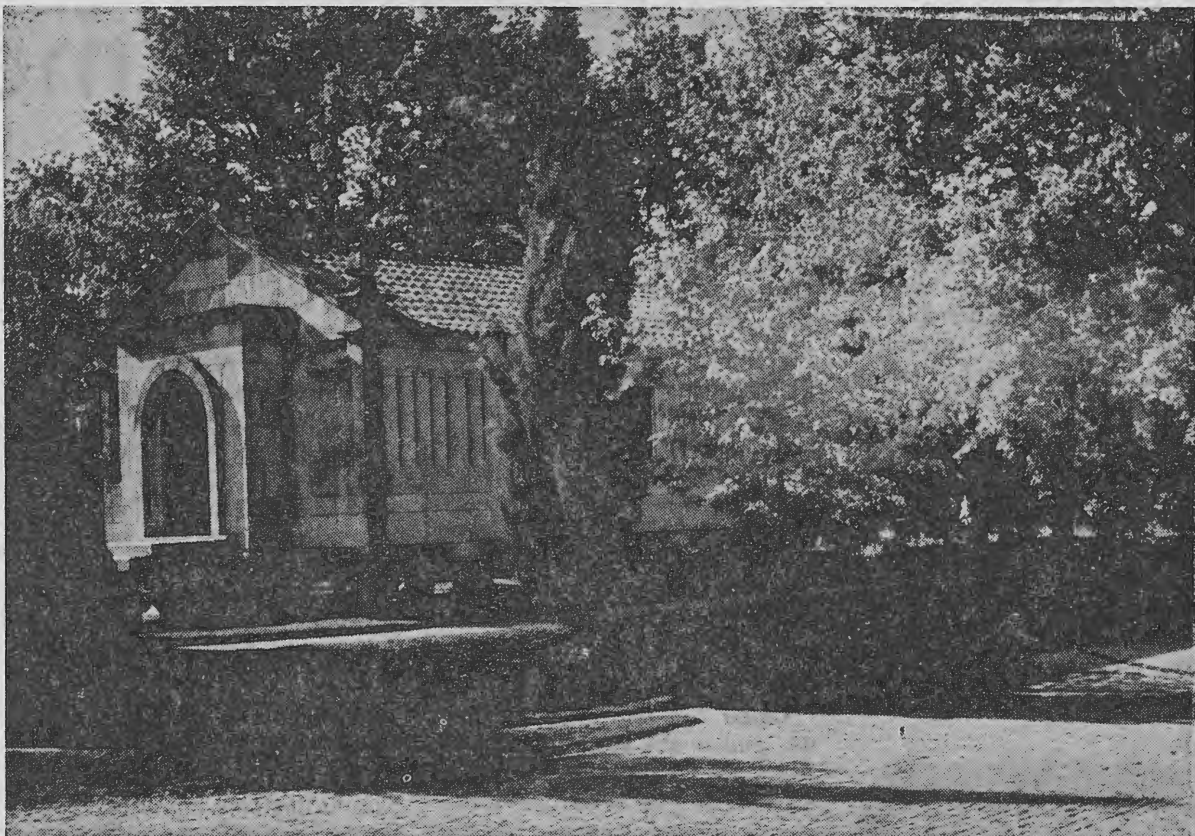
Ao ver chegar o Outono,

lento mas imperdoável, contemplo os Doentes que aqui tenho e vejo alguns deles também já no seu ocaso. Mas, tal como a Natureza que nos cerca, também eles declinam com naturalidade e paz, sem pressa, sem desassossego nem aflição. A Natureza ensina-nos a viver e mostra-nos igualmente como se deve morrer. Aliás, o seu morrer é para de novo viver após o Inverno que vai chegar.

Alguns dos Doentes que aqui estão, muitos já inconscientes como a senhora Emília que se encontra em coma há alguns dias, parece que desejam e até suspiram pelo Outono, para, após o Inverno, tornarem a viver, a viver plenamente, já que aqui não chegaram a tanto.

Felizes nós, os que aceitamos a Fé!

Padre Baptista



Sentinelas perfiladas ao lado da capela, as liquidâmbares, nesta altura do ano, são labaredas de fogo.

● Segue de vento em popa, o acabamento do livro «Doutrina» — 2.ª edição, aumentada.

Estamos fazendo o possível para que seja, digamos, prenda de Natal de 1974. Sim, de Natal. Acima de tudo, esta obra é anúncio e concretização da Mensagem de Nazaré — marca de tudo quanto saiu da pena carismada de Pai Américo.

A recolha e selecção de textos, além dos incluídos na 1.ª edição, vai até 1948. E mais: de acordo com a opinião expressa, achámos razoável que este seja o 1.º volume de uma colecção sob o mesmo título. Assim — conforme as nossas possibilidades — comprometemo-nos na escolha de matéria, n'«O Gaiato», para outros, respeitando o critério de Pai Américo. Teremos, sei lá!, material para mais dois ou três livros, com certeza. E vamos, naturalmente, ao encontro de milhares de leitores que, sófregamente, esgotam a publicação do valiosíssimo espólio bibliográfico de Pai Américo.

● Como aperitivo, aí vai mais um excerto do «Doutrina». Um texto de 1947...! Ontem, como hoje — actual! Porque inserido na Boa Nova.

«Padre Américo, acabo de ler a sua carta-aberta e venho dizer-lhe que em Agosto devo receber uma batelada de contos. Lá

O "DOCTRINA"

terá a sua parte e muito gostaria fosse até aos 10. Caso não seja, pouco mais tarde deve ser; veja se consegue atrasar uns dias parte do pagamento das obras e reclame n'«O Gaiato» se não me ouvir dizer nada. Até que enfim que vem para estes lados! Qualquer dia lá irei. Até lá permita-me que me conserve anónimo e grato como português, cristão e socialista.»

Nos últimos dias do mês de Agosto, recebe-se um telegrama: «Depositei hoje no Banco conforme prometi. Maria de Sousa». Não é nada Maria de Sousa. Pelo texto da promessa vê-se que é um homem. «Um português, cristão e socialista.» É, sim senhor. Cristão e socialista são palavras sinónimas. Não se compreende um cristão que não seja um socialista, nem um socialista que não seja um cristão. Somos irmãos do mesmo ventre. Um sem o outro não fazem a jornada para a vida eterna.

O nosso desconhecido deu da batelada que recebeu. É sócio dos que precisam. Sócio de quem trabalha por amor dos que precisam. Sócio de todas as amarguras e misérias que afligem e consomem a Humanidade. É um socialista cristão. Dá na ocasião

precisa, quando o auxílio vale a dobrar. Põe no Banco. Aproveita as facilidades oferecidas pelos organismos bancários. Dá e esconde a mão. Não deixa em testamento. Não espera pela morte. Ele é um sócio activo. Ele sangra. Milita. Sente. Aflixe-se. Tem o baptismo de fogo.

Os prudentes do século levam a vida inteira a pensar de como hão-de dispor dos seus bens; das suas bateladas. A miragem das heranças! A desgraça dos testamentos!

Tenho aqui uma carta do Posto da G. N. R. de Ovar a pedir por uma criança que anda por lá e a comunicar a sorte igual de muitas outras. Ora, segundo rezaram os jornais de há dias, viveu ali um homem uma vida inteira a ver de como havia de dispor de tal fortuna, que uns dizem vinte e outros sessenta mil contos! Que desgraça! A quem valeu aquela fortuna? A quem vai agora valer? Que responda a História!»

● Ontem, tocou o telefone. Era da Foz do Douro. Velho amigo que recebera um postal-aviso, porque estaria em falta — pelas nossas contas.

Não estava! É o costume: maneam dinheiro, não dizem pra quê ou só com uma intenção ou sob a capa do anonimato (bastantes) ou... tudo o que é possível numa obra como a nossa, com muitas portas abertas e muitos canais receptivos e propícia a muitos lapsos...

Esclarecemos. Compreendeu. De sorriso nos lábios! Vai, vamos ser mais perfeitos, para diminuirmos — ainda mais — o caudal de ladainhas que não podem nem devem ser cobertas ou saldadas pela nossa desorganização organizada.

A conversa foi longa. Animada. Palpitante. Do outro lado era um interesse e ami-

zade que fez esquecer, ao nosso amigo, os terríveis impulsos dos TLP!

— Não tenho os livros todos do Padre Américo...! Quero-os todos. Mandem já os que me faltarem.

— Vamos controlar pelo ficheiro. Descanse!

— Eu prefiro as 1.ª edições...

— Estão esgotadíssimas!

— Veja lá, veja lá... A minha admiração por Pai Américo — pelos seus escritos, pelas suas Obras — é tão grande, tão grande!, que tenho aqui um retrato na minha

frente, ao lado dos meus pais... Está aqui!

— Meu amigo, não temos 1.ª edições...

— Oh! Agora vão mil escudos.

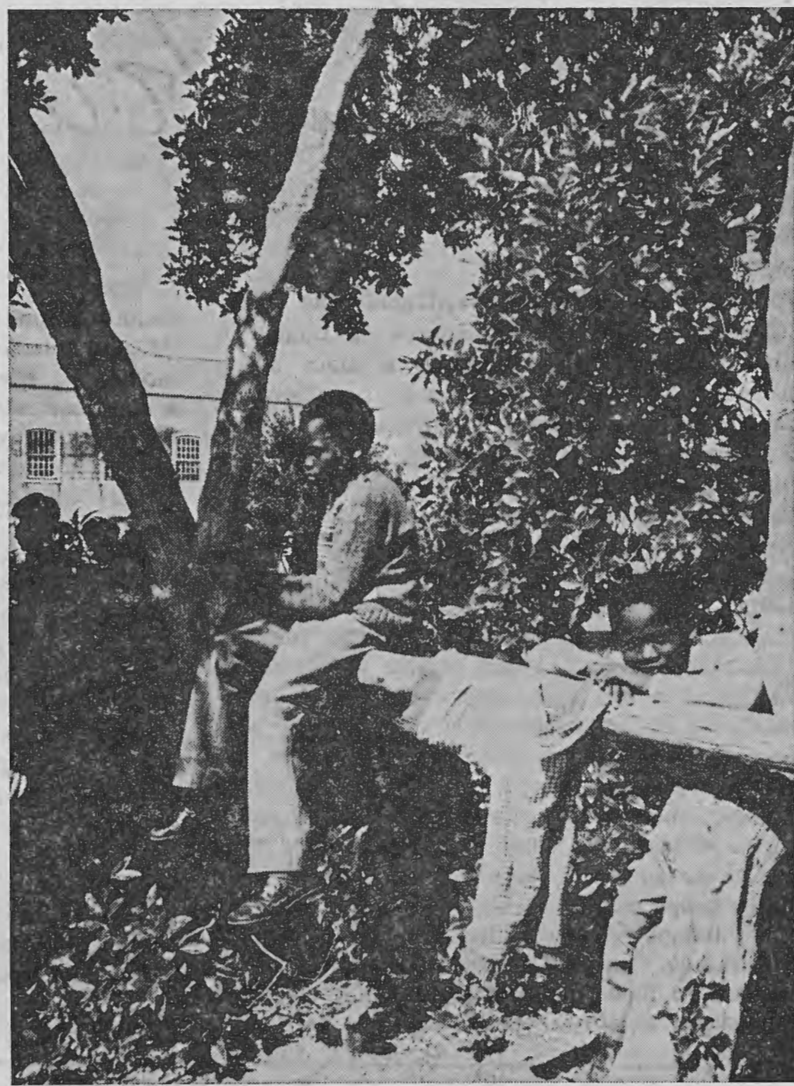
— Mande por cheque, se faz favor.

— Está bem. Enquanto tiver, vai o que puder. Quando não... mandem na mesma...

— É o que a gente faz! O assinante dará quando, quanto, como e... se puder.

— É assim mesmo!

Júlio Mendes



Não, não é em nenhuma Casa do Gaiato africana. Mas no Tojal. Enquanto um, descontraindo, sorri para a objectiva, o outro reflete...

São vítimas da guerra. As Crianças são, sempre, as maiores vítimas...!

Opinião

Homem do povo, militar no presente momento, militante por ideal, sinto necessidade de estar com Portugal nesta hora difícil e exigente que nos é dada viver. E ainda que não no caos, como o afirmam os adversos à instauração e consolidação da democracia que os atemoriza, o certo é que lutamos com dificuldades tremendas não só no campo económico, mas particularmente no socio-cultural, no qual há muito a fazer e com urgência em prole das classes menos favorecidas.

Consciente da responsabilidade que nos transmitem as palavras do Senhor Presidente da República proferidas perante a digna assembleia das Nações Unidas — «...muito trabalho e pouca retórica...» — e ansiando a resolução de problemas que muito afectam a igualdade entre o povo de Portugal, merecedor de mui e elevado respeito, ouso humildemente sugerir o esboço de um plano de trabalho há muito dentro de mim.

Com o fim das guerras coloniais, nódoa hedionda no indubitavelmente brilhante panorama histórico de Portugal, podem os militares dedicarem o seu tempo de serviço militar obrigatório (ainda que este seja

mais reduzido deve estender-se a todos os jovens capazes) na construção de bairros de renda económica, na assistência, na agricultura, na indústria, na actividade em que mais sejam precisos, contribuindo para o fim da miséria que abrange grande parte da nossa população e abala a construção do Portugal novo. O Estado financiaria a «obra militar» dando as matérias primas e outros requisitos necessários para a referida construção.

Outro ponto de primordial importância, seria a criação de um organismo, agregado a Ministério adequado, que tivesse em vista o fim da mendicidade, criando comissões de assistência e proibindo a prática depreciante que é a mendicidade, pois se há muitos que pedem por necessidade, outros — não poucos — há que o fazem por vício, explorando o sentimento do povo. Todos os considerados incapazes de «ganharem o pão com o suor do seu rosto», seriam subsidiados mediante suas necessidades, após confirmação do organismo competente, que sem entraves burocráticos procuraria solucionar os problemas surgidos.

Oxalá nos dignemos meditar um pouco nas sugestões aludidas e nos preparemos para criar estruturas que permitam irmanar os homens numa sociedade sem opressões e abismos sociais que fomentem injustiças!

Património dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

Não estou a falar do que há-de ser; sim do que tem sido; do que está sendo, do que, com certeza, se repetirá, muitas, muitas vezes. Nem Estado, nem grandiosas Instituições podem o que pode o Povo, o que nós podemos com a força que o Povo nos dá. Quanto mais se poderia ter feito; quanto mais se poderá fazer — na base da confiança, com o controle do testemunho directo de quem, in loco, sabe o que nenhum complicado inquérito pode revelar!

Isto é o Património dos Pobres, que começou por fazer casas do alicerce ao cume (e passou dos três milhares!) para servir os Indigentes. Hoje, muitos destes já o não são, felizmente. O dom do usufruto gratuito deixou de ser Justiça. Por força do art.º 10.º dos Esta-

tutos, «os ocupantes deveriam dispensar o benefício em favor de outros mais carecidos». Mas em muitas Paróquias onde o Património existe e possui várias moradias, não há, hoje, outros mais carecidos, tampouco habitação acessível para onde os primeiros mudem.

Aí, parece irrecusável a reconversão do Património: Ou os ocupantes passam a entregar uma mensalidade justamente estipulada em função das suas possibilidades, a qual alimentará um fundo para outras modalidades assistenciais mais indicadas pelas novas condições de vida daquela comunidade; ou se estuda, mesmo, um processo de propriedade resolúvel, que lhes dê a posse perfeita da moradia quando tiverem feito, em prestações que os não sangrem, o seu preço razoavelmente estabelecido.

Assim se faz autêntica pro-

moção social: o ex-Indigente, sem deixar de ser pobre, tem acesso ao bem mais precioso que pode ambicionar, a posse de uma casa que o abrigue e aos seus — posse que lhe terá custado, como é próprio de qualquer homem válido.

Isto continua a resposta àquele nosso «assinante da casa dos 100» que me perguntava «porque acabou a campanha do Património». Pois não acabou mesmo. Nem se poderia dizer que tinha acabado, se todas as casas que o constituem deixassem de pertencer-lhe, conforme a segunda modalidade que alvitro. O movimento que, essencialmente, ele é, continuaria com os recursos permutados, quer no estímulo de novas construções para Pobres, quer em qualquer «outro fim de caridade, educação, profilaxia ou assistência», como é previsto no art. 1.º dos seus Estatutos.



PALAS CASAS DO GALATO

CALVÁRIO

PARA MEDITAR... — Não é de hoje o nosso desejo de estar, tanto quanto nos é permitido, mais ou menos a par do que se vai passando neste e noutros países. Pois as alegrias, esperanças, tristezas e até angústias, em especial as que se referem aos Pobres e Doentes, são as que nos falam mais. Trata-se dum aspecto bastante grave da Humanidade.

Será uma consequência de que os homens de hoje ainda não conseguem conduzir os seus próprios actos até Cristo. Assim haveria capacidade de amar os Irmãos. É a caridade uma forma que não pode acabar. Se o nosso Mundo está sempre a dar à inteligência humana motivos para uma melhor transformação, muito maior e melhor seria esse progresso se ele fosse aliado à melhor compreensão e ajuda mútua.

Mas o materialismo em que vivem tantos homens ocasiona atritos e discórdias. Levados por impulsos, fazemos aquilo que não queremos e não realizamos aquilo que deveríamos realizar.

Se tal não fosse, haveria uma visão mais clara sobre os problemas que afectam uma grande parte de homens oprimidos pela doença e pelo abandono. Isto em crianças, homens e mulheres marginalizados e até apontados como seres a mais no mundo...

Se houver esta tendência, nunca o homem saberá apreciar o mistério do próprio homem: nascimento e morte a que todos não podemos fugir, venha o maior progresso humano que vier.

Há muitas circunstâncias a afectarem os planos da Fé. Mas nem todos os homens são levados pela «corrente» materialista. Têm de lutar muito. Isso é um sinal evidente de que, embora tentados pelas muitas e variadas formas a que estão sujeitos, querem ser purificados pela Graça de Cristo, a fim de ganharem capacidade para amar as coisas em Deus e gozar em pureza de espírito os trabalhos em que se encontram empenhados para uma maior perfeição da vida presente.

Não será uma das formas mais válidas reconhecer que os homens não são iguais, por exemplo, na capacidade física ou intelectual, mas que todos fomos criados por Deus, com o dever de reconhecer-se uma igualdade fundamental?!

As desigualdades económicas e sociais continuam a constituir um escândalo e uma ofensa à dignidade humana, a exigir a transformação do mundo.

Em algumas mensagens que nos chegam, quer pedindo ou ajudando, nós constatamos isso mesmo. Ainda há poucos dias recebemos uma carta simples, mas que se nos afigura muito a propósito, nesta certeza de que a fraternidade deve aumentar sempre até ao fim dos tempos.

Podeis estar certos, amigos, de que nem todo o progresso será capaz de dar felicidade ao homem, se o homem não souber quem é e porque vive. Passagem é a vida na Terra.

Basta amar num simples gesto, sincero e verdadeiro — e cremos que a Salvação não nos será negada, apesar dos nossos inúmeros fracassos. É isto o que representou para mim, uma carta que me chegou às minhas mãos, com um óbulo. Manifestando o desejo de que fosse para comprar açúcar, «para esses Irmãos que não tiveram a sorte de ter carinhos dos seus. Se quem meus filhos beija minha boca adoça, eu a boca da Mãe adoço, e peço nesta madrugada, dia 13 de Outubro, solução válida para a minha vida. Mãe, se escondo o meu nome é por amor e não vaidade».

Feliz de quem procura o amor. Não será um safanão de Deus «esta e outras cartas?! Pois, homem de hoje, se tens tempo para os teus negócios, terás de ter tempo para a reflexão.

Se tal acontecer... não fiques indiferente. Procura caminhar fazendo os outros caminhar, para assim fazermos em conjunto uma Sociedade onde impere a Fé, a Esperança e o amor.

Manuel Simões

PAÇO DE SOUSA

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA — Este dia não foi esquecido cá em Casa, para os mais pequeninos.

Começou normalmente, como todos os outros: o trabalho, a escola, as limpezas, as faxinas de cada um... Não houve mudanças, nem o horário se alterou; mas, à noite, tivemos uma conversa com o sr. Padre Carlos, a que se seguiu um filme de que os pequenos gostaram muito. E, terminada a sessão, eram já 24 horas, demos início ao repouso da noite.

PORTUGAL NOVO — Leitor amigo, como será a tua vida aí em casa? E como tens passado agora neste novo Portugal? São duas pequenas perguntas, mas com muito para meditar.

Vejo que durante uma parte do ano quase nunca se ouvia falar em liberdade, mas todos a desejavam. Não havia direito à greve, mas era preciso remexer a situação dos Trabalhadores. Todavia, com esta liberdade, agora, uns vão construindo, outros destruindo; uns vão contestando, outros são julgados.

Em cada ano que passa arranjo sempre mais amigos. Talvez seja esta a grande liberdade para melhor alcançarmos a nossa alegria, a nossa paz interior e o bem-estar de cada um.

Já lá vai o tempo das férias, de que todos tínhamos necessidade. Não esqueço aqueles dias de praia com os mais pequeninos e as visitas que lá fui recebendo. Reconheço em tudo isto um símbolo de Amizade, sinal de que ainda existe alguma coisa de bom nas pessoas.

Acredito que haja ainda muitas vinganças pelo País fora mas também tem de haver perdão e muitas ajudas.

Somos todos assim no turbilhão das coisas. Por isso nunca pode só existir a verdadeira paz, aquela paz que nos dá união, alegria e felici-

dade. É uma vida triste se o mal também existe; e se tudo tem o seu porquê, não pode haver limites para acharmos a solução das coisas.

Vem aí o tempo das aulas. Que os estudantes aproveitem bem o seu ano lectivo, que os trabalhadores e operários trabalhem com a função de progredir; e que os da presidência façam aquilo que melhor servir o Povo.

Todos juntos e atentos faremos um Portugal novo para sempre.

OS «BATATINHAS» — Mais um que chegou. Chama-se ele Lourencito. Vive na casa-mãe, sítio apropriado para os mais pequenitos; e à mesa, é vê-lo juntamente com o Armelim, Manuelzito e «Pinóquio».

Não pára sentado nem está quieto com os seus companheiros.

Lourencito é natural de Meda e vivia pobremente. Hoje não sente esse abandono, nem é desprezado aqui por qualquer pessoa adulta. Agora vamos ver como ele se adapta aos usos e costumes da Casa.

DOENTES — Na terça-feira partiu para o Hospital de Penafiel o nosso Miguel que vai ser operado à garganta. Esperamos que lhe corra tudo bem.

Já tivemos, no nosso Hospital, com a gripe, o «Gordo», mais o «Rolita» que, felizmente, hoje estão bons.

De momento só nos resta saber como se encontra o nosso Zé Luís, que até dada altura era considerado também como bom.

ANIVERSARIO DE PAI AMÉRICO — O dia 23 foi um dia especial para nós. Se Pai Américo ainda vivesse, faria às 4 horas da tarde os seus 87 anos.

Às 19,30 h. oferecemos uma Missa pela sua alma, celebrada aqui na nossa Capela pelo sr. Padre Abraão.

A noite vivemos mais em festa, sendo assim os últimos instantes do seu dia.

AINDA AS FÉRIAS — Do Tojal até aqui, vieram passar 15 dias de descanso o Manuel dos Santos, sua esposa e filhos.

Hoje já estão longe de nós e como ainda não recebemos notícias, esperamos que a viagem lhes tivesse corrido bem.

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CASAS ECONÓMICAS — Acabo de ler, em nota de um vespertino lisboeta, a premente necessidade da construção de casas económicas, a nível oficial, nos meios rurais.

O autor aconselha — e muito bem — um recuo à tentação, fácil, da macrocefalia. Na mesma linha em que se insere o Património dos Pobres: fixar os naturais à própria terra.

Para reforçar o seu ponto de vista, o articulista dá o exemplo de muitos emigrantes que investem parte ou

grande parte das economias na construção de uma casa decente — contribuindo para a solução do problema primeiro do País.

Não é preciso ir muito longe, nem palmilhar as zonas mais afectadas pela sangria migratória, para nos certificarmos.

Chegámos aonde queríamos; porque não, em vez da colectivização, antes um dar a mão eficiente, despido do máximo de papelada, encargos e entraves? Dar a mão, sobretudo aos mais carecidos: pela ajuda técnica (já prevista), pelo crédito barato e fácil, pelos materiais ao preço de custo (porque não?!), através da oficialização (não confundir com burocratização) da Auto-construção individual, em grupo (melhor!) ou cooperativista...

A ingente obra nacional ficaria, assim, mais cara? Talvez não. Mas atingiria grande dimensão — sobretudo nos meios rurais. E, sem manipulação, teria um cariz especial, mais cívico e pedagógico do que a linha mendicante das casas económicas estereotipadas...

Não é apenas o *Se Manuel* que o diz, implicitamente — numa linguagem que todos entendem. São as largas centenas de auto-construtores, beneficiados pela mão do Património dos Pobres há mais de duas décadas!

RECEBEMOS — Para auxílios normais, que distribuimos normalmente, continuam a chegar presenças amigas, discretas, cristãs!

Da Cova da Iria, 900\$00. Lisboa, 100\$00 «para sufragar a alma dum filho muito querido». Amor de Mãe. Ó legenda! Mais 150\$00 da Rua dos Afores, Lisboa, por intermédio da nossa Casa do Tojal. As «*ínfimas gotinhas*» de Torres Vedras. Ainda de Lisboa, o costume da Rua Alexandre Herculano. Agora, passa outra oferta, oportuna, de Cabeçudos (V. N. Famalicão). E a presença amiga de «*Uma Figueirense*», com 50\$00. Idem, da assinante 17022. Da capital, quatro vezes mais, «com um abraço amigo» — que retribuimos com amizade. Campo (Valongo), «mais 30\$00, esmola de uma Missa que não pôde ser rezada por alma de meu Marido». O Senhor regista a intenção. Por fim, a carta-desabafo de uma Avó:

«Junto a quantia de 50\$00 para a Conferência de Paço de Sousa e peço uma oração pelas necessidades dos meus filhos e netos. Que o Senhor toque no coração do meu filho... para que melhore o feitio e se torne um homem poupado e honesto, acima de tudo, cumpridor dos seus deveres e compromissos. Saúde e fraternidade para todos...»

Pediu uma oração. Aqui está. A sua. Que pode ser invocada por quantos nos lerem. É a Comunicação dos Santos.

AUTO-CONSTRUÇÃO — Aquela nota de 31 de Agosto sobre a placa, continua a produzir frutos! De tal maneira que abriu a nós, vicentinos, trilhos de mais um caminho, pelas vossas mãos — com a vossa partilha: Conforme tivermos massa, vamos ajudando a levantar e a

cimentar casas de auto-construtores. Semeamos, assim, muita alegria junto desses heróis que, na base, rasgam, no presente, caminhos de futuro.

Recebemos 500\$00 do Porto, Rua Oliveira Monteiro e respondemos à pergunta formulada: sobras do caso arrumado estão a resolver outros problemas de auto-construtores.

Mais 500\$00 de Leiria, assinante 20340 e um comentário: «como o alojamento é feito com as dimensões indicadas, 4x3, ficará espaçoso».

Para todos, muito obrigado — em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

TOJAL

VIDA COMUNITARIA — Em nossa Casa a vida tem corrido dentro do normal, sem perturbações de qualquer espécie, a não ser algumas entradas e saídas de rapazes.

Facilmente atraídos por uma vida que eles julgam ser fácil, ou seduzidos por algumas palavras dos seus irmãos de raça, falsos amigos, alguns dos nossos rapazes africanos têm-se posto em fuga.

Deverão pesar-nos na consciência estes factos?

Acho que não. Pois como já venho a ouvir há muito tempo, «a Casa Gaiato há-de ser para quem quer». Só deverá custar-nos que eles não queiram.

Os pedidos sucedem-se todos os dias, fruto das muitas feridas da nossa sociedade, que, de cima, ainda ninguém curou e duvido muito que venha a curá-las.

E uma coisa é certa. Os seus lugares não levam tempo a serem ocupados.

UM PEDIDO

É a terceira vez que vos faço este pedido, tendo deixado entre cada uma das vezes, um longo espaço de tempo, a fim de que pudesse chegar o objecto deste pedido.

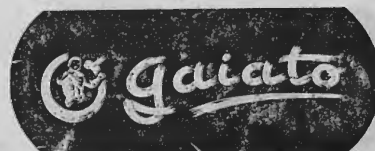
É um fotocopiador.

Aparelho de grande uso corrente e que já não é novidade nos nossos meios.

Dada a sua enorme utilidade e a preciosidade do seu trabalho, somos levados a desejá-lo. Mas, perante o seu preço, por mais acessível que ele seja, a nossa bolsa encolhe-se.

Certos de que «água mole em pedra dura, tanto dá até que fura» e crentes na boa generosidade dos amigos leitores, ficamos a aguardar uma resposta.

JORGE



De Estreito — B. B., um cheque de 200\$00, sendo metade dos filhos e metade dos pais. Eis a carta dos jovens:

«Ao ler o vosso jornal verifiquei as vossas ansiedades e deparou-se-me, assim como aos meus irmãos, o grande desejo de colaborar convosco e reparar o pouco que temos do nosso mealheiro — 100\$. Queremos com isso ajudar-vos a coser as tão pesadas costuras para as quais precisais das linhas.

Muitas vezes estamos pensando demais em nós e esquecemos tantos problemas que acontecem com outros que também são nossos irmãos.

Desculpem de ser pouco mas é dado livremente e com muito amor.

Um beijinho de todos nós para todos vós. Regina, Lucia, Daniel, Raquel.»

Pois amiguinhos, um bem hajam afectuoso, com a retribuição do vosso beijinho.

Vestuário e calçado, do Lavradio. Mais roupas das Caldas da Rainha. Por alma de Marina, 300\$. Em memória do Dr. António Machado Rosas Lima, 100\$ do Porto. «Comemorando os dez anitos do meu filho mais velho, junto um vale de 100\$». Que o Senhor o abençoe. 1.000\$ da conhecida «portuense qualquer». Donativos vários à porta do Lar do Porto. E dum pri-

meiro ordenado, 830\$. Valadares com 170\$. E as migalhinhas saborosas, das costureiras do Hospital Geral de Santo António. Somaram 670\$.

«Aqui vai uma pedra de sal para a vossa sopa — 1.000\$». Veio da Capital! 100\$ do Porto. De Agueda, «Obra de Deus, para os Pobres», 50\$ mais 50\$. De Linda-a-Velha, três camisolinhas, impregnadas de muito amor. Um pacote, com roupas e calçado, de Caminha, dum advogado. Em resposta a um apelo, linhas de Famalicão. «Avó de Coimbra, com 50\$, pelo regresso dum neto.» 100\$ de Lisboa. Idem do Porto. «Pela passagem de categoria no meu emprego», 300\$. «Portuense Maria» com 500\$. «Uma viúva triste, por alma de seu marido», 500\$. Maria de Torres Vedras com 20\$. Da Amadora, os 100\$ mensais, em selos de correio. E 2.670\$, migalhas carinhosas que o Pessoal da Fábrica de Malhas Marão nos deixou,

na visita anual que nos fez. 1.000\$ de Viseu, «acréscimo do meu ordenado». Ass. 32595 com mil escudos, para compra de livros escolares. Por alma de dois Josés, 100\$. Sufragando a alma de Mário Soares Marques, 1.200\$. De passagem pelas Termas de S. Vicente, o nosso P.e Carlos trouxe 1.090\$, entregues no hotel. Mais 8 contos à porta do Lar. Paço de Arcos com 1.000\$. Da «Mãe que crê em Deus», duas presenças. Pano para cobertas e cortinas, do Porto. Um despertador magnífico de Urros. Duma empregada doméstica, das suas economias, 1.000\$. Uma professora aposentada, com 500\$, relativos ao aumento de pensão.

De Clara e José Flores, 60\$. E mais 10\$ por alma de Alexandrina. 20\$ de S. Pedro do Sul. «Avós de Sintra» com 100\$ mais 150\$ e uma caixa com roupas. Por alma de Manuel, 150\$. Da Rua António

Cardoso, os 1.000\$ do mês. 100\$ da Figueira da Foz. Maria Rosa com 2.000\$. S. João das Lampas com cinco contos. De Lisboa, 50\$00. De Rio Tinto, mil e tal escudos, de migalhas. Um vale de 250\$, em intenção dum Adriano que fez 30 anos. De Tondela, velho amigo de Pai Américo com 5.000\$. Vale de mil escudos, do Porto. Do Seixal, 200\$ em acção de graças pelo nascimento do primeiro neto. Roupinhas, do ass. 24230. Idalina com 50\$. Assinante de Rio Tinto com os 100\$ mensais. M. F. S. com 200\$. Assinante com 300\$. «Do dia de trabalho extraordinário do famoso Domingo 6 de Outubro», o produto desse dia. Mais 300\$, por igual motivo de dois empregados e do seu patrão. Outrotanto de S.to Tirso, 178\$ do Porto e 200\$ dum ajudante de farmácia.

Um vale de 300\$, dum grupo de colegas de trabalho. Mais 1.000\$ de Braga. De Maria Carolina, em acção de graças ao santo Padre Cruz, 150\$. Do Porto, amigo que mensalmente aparece com 100\$, pede a protecção de Pai Américo para o bom resultado duma operação a que vai ser submetido. Oxalá tudo corra pelo melhor.

De Cebolais de Cima, 200\$. Coimbra com 50\$. Ass. 28691,

«primeiro aumento da minha reforma». 20\$ de Lisboa. Ass. 14811 com 50\$00. Ainda para ajuda da máquina de costura, recebemos 5 dólares de Stoughton. 500\$ de Lisboa. Ass. 29305 com 100\$. Visitantes do Seixal com 1.500\$00. Várias ofertas de carne de frango, do Aviário da Beira. Mil escudos, de Lisboa. 250\$ da Covilhã. Ass. 31321 com 500\$00. «Pelo bom resultado do meu exame da 4.ª classe, 50\$». Ribeiradio com 500\$. Roupas de Vilar de Amargo. 100\$ da Nucha. Do Miguel e do Pedro, de Lisboa, recebemos cheque de 5.100\$, «a fim de tapar um buraco mais urgente».

Gratos a todos.

Manuel Pinto



Mais um casamento: «Braguita» e São.

TRABALHO

Desde o princípio dos tempos que o homem chegou à conclusão de que sem trabalho nada pode ter: «Comerás o pão com o suor do teu rosto». Aldous Huxley diz também que o trabalho é a pedra fundamental da democracia. Uma aldeia, uma cidade, um país, o mundo, assentam no trabalho a sua progressiva evolução. Só pela força do trabalho é possível construir pontes, viadutos, rasgar estradas, acelerar os meios de comunicação, transformar uma pedra tosca arrancada à rocha na mais bela obra de arte, na casa mais ampla e mais confortável. Só pela força do trabalho é possível arranjar outras forças de trabalho que substituam o homem, permitindo-lhe que chegue rapidamente, economizando tempo e energia, a uma maior produção. Só com o trabalho nos é possível abrir os olhos de espanto perante essas realidades incríveis e colossais que o progresso hoje nos apresenta.

Pai Américo sabia da importância vital que o trabalho tem numa comunidade e na formação do próprio homem. E instituiu-o como a mola funda-

mental na vida das Casas do Gaiato. Do mais pequenito ao mais velho, cada um tem as suas tarefas a cumprir. E cada um é chamado a contas se as não cumpre. Não há nada mais belo na vida que contactar com um homem activo e laborioso, consciente da tarefa que lhe foi imputada. Como também não há nada mais belo que ver uma criança de tenra idade arrancando as ervas das calçadas ou varrendo as ruas das nossas Casas. De pequenino o homem se habitua ao trabalho e, lançado nele, já não pode passar sem fazer alguma coisa. O homem tem necessidade de trabalhar para se realizar e para realizar, pelo exemplo, os que com ele também labutam. Por ele o homem se personaliza e se vitaliza. Ele é o coração do homem e o coração da sociedade em que nos inserimos. Não há sociedade forte nem bem constituída com homens ociosos. A preguiça é filha de vícios e conduz a outros vícios. O homem ocioso é o espelho mais fiel da educação degradada que tem. O homem diligente reflecte como água clara a qualidade de educação e instrução que seus pais e sua família lhe deram. A ociosidade conduz ao roubo, ao desmantelamento das estruturas vitais, à miséria, ao caos, aos complexos recalcados que roem e destroem o próprio homem. A diligência no trabalho conduz à harmonia, à paz, à edificação duma sociedade

sadia, ao bem-estar de todos, ao progresso e elevação do ambiente em que se vive, à crescente personalização e sentido bem vincado do que o homem quer.

Nas Casas do Gaiato entendemos assim e alegramo-nos interiormente por ouvirmos dizer que o trabalho é o coração da democracia. Mas, analisando o que se passa aqui ao pé das nossas portas, vemos que, infelizmente, ciranda por essas ruas uma turba imensa de ociosos. Continuamos a ver a qualquer hora do dia os cafés peçados de gente de todas as condições. Continuamos a ver grupos numerosos que queimam o dia gritando nas ruas, hasteando bandeiras e cartazes, roubando, partindo montras de estabelecimentos, colando e recolando cartazes, escrevendo e sujando as paredes e, inclusivé, atropelando os direitos mais elementares de cada um. Encontramos a cada passo turbas selváticas que dizem e redizem, lançando os boatos mais incríveis; que, para satisfação das suas vinganças pessoais, acusam com os nomes mais ignominiosos às autoridades os seus opositores, lançando o Povo no descrédito e na confusão.

Não é assim que se poderá construir uma nação forte. Nem é assim que a democracia é feita. A democracia e ao bem do Povo repugnam os actos de vandalismo, com cheiro a selva. Falta-nos ainda, e muito, o elemento preponderante, a célula fundamental de tudo, que é o trabalho realizado num clima de concórdia e bem-estar, difundido equitativamente por todos.

Rogério

Aqui Lisboa

Cont. da, PRIMEIRA página

amar o seu Irmão, sob pena de ser mentiroso, como se diz nos trechos sagrados. Daí, a primeira exigência positiva da Caridade, que é a de trabalhar pelo bem espiritual do Próximo; a segunda exigência consiste na obrigação de prestar socorro temporal a seu Irmão, que pode ter prioridade concreta sobre a primeira em casos extremos. Assim, a chegada do Reino foi anunciada aos enviados de João Baptista nos seguintes termos: «Os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são limpos... aos Pobres é anunciado o Evangelho» (Lc. XII, 22). Como diz Haring, «seria inconcebível deixarmos mergulhados em sua penúria material aqueles aos quais anunciamos a Boa Nova! A Caridade é um todo indissociável. Não se pode pregar-lhe às almas, sem, ao mesmo tempo, a levar à prática em

favor dos corpos». Deste modo tem ensinado a Igreja através dos séculos. E, apesar da fraqueza dos seus filhos, não têm sido poucos os que têm praticado heroicamente a verdadeira Caridade.

Os sacrifícios, as renúncias, a entrega da sua vida e o esquecimento de si próprio, por parte de muitos; os gestos ignorados à maneira da Viúva da dracma, dando com uma mão o que a outra não enxerga — são da História de todos os tempos do Cristianismo e, consequentemente, de hoje. Contestar esta realidade, para lá de mais, apesar das incoerências e das misérias dos cristãos, é uma injustiça flagrante. Chamar, pois, à Caridade «disfarce do egoísmo» ou via de inferiorizar os infelizes, pode considerar-se, pelo menos, afirmação infeliz. Mas quer queiram quer não, Ela, a Caridade, não passará.

Padre Luiz

